



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2016v42n1p245-257>

Pensar a tradução: proposta para uma retradução de Gargantua

Luíz Horácio Pinto Rodrigues

Resumo: Este trabalho apresenta as linhas que orientam o trabalho em andamento referente à retradução da obra Gargantua, de François Rabelais, publicado em 1534. Mas por que retraduzir? Para "atualizar" textos considerados "clássicos"? Para "permitir uma nova vida à obra e, porventura, rever algumas escolhas em traduções anteriores?" Somente grandes textos, aqueles que, segundo Ezra Pound, conservam "uma frescura eterna e irreprimível", seriam merecedores de uma retradução? Seria quem sabe o caso de retraduições com objetivo único de atender as necessidades do mercado? A retradução de Gargantua objetiva contribuir para os Estudos Literários e de Tradução, através de uma reflexão sobre a prática tradutória e o papel do tradutor. Segue alguns preceitos sugeridos por Berman (2008). Sua execução observa, principalmente, três aspectos: a obra/autor, o tradutor e o leitor. Atenção especial à marca do tradutor, a partir da questão: até que ponto sua identificação implica defeito a interferir na fidelidade? Vale lembrar, apesar de óbvio, que tradução é tradução, não se trata da obra original em língua estrangeira equivalente em forma e sentido. Tradução é fruto do trabalho do tradutor e este deve apreender ao máximo as ideias do autor, seus propósitos e motivações, para então realizar seu trabalho, sem menosprezar o princípio fundamental que diz respeito à ligação entre tradução e seu original.

Palavras-chave: Retradução. Tradução ética. Literatura comparada.

Thinking the translation: proposal to a retranslation of Gargantua

Abstract: The communication will present the guidelines for a work in progress regarding the retranslation of the literary work Gargantua by François Rabelais, published in 1534. So why retranslate? To “modernize” texts considered as “classics”? To “permit a new life to the work and, perhaps, to reconsider some choices in previous translations? “Only great texts, the ones that according Ezra Pound retain “an eternal fresh and unconquerable” would be worthy of a retranslation? It would be, perhaps, the case of a retranslation with the sole purpose to meet the market needs? The retranslation of Gargantua aims to contribute to the Literary and Translation Studies, through the reflection on the translation practice and the role of the translator. It follows some precepts suggested by Berman (2008). Its implementation maintains, mainly, three aspects: the work/author, the translator and the reader. Special attention to the marks of the translator, from the question: to what extent the identification of the translator could imply on a flaw that interferes in fidelity? It worth recalling, though self-evident, that a translation still is a translation, and it is not an original work in a foreign language that maintains the equivalency of form and meaning. Translation is the result of the translator’s work and he must apprehend to the maximum the ideas of the author, his purposes and motivations, and only then carry out his translation, without



underestimating the fundamental principle that regards the connection between the translation and its source.

Keywords: Retranslation. Ethical translation. Comparative literature.

Introdução

Em cinco livros que constituem a epopeia burlesca de um gigante e seu pai, Rabelais apresenta o modo de viver francês segundo o qual o sentido do prazer se faz notar em todos os domínios. Não se restringe ao prazer dos sentidos, abarca também o prazer do espírito, onde a língua francesa liga todos os aspectos numa demonstração de extremo amor pelas palavras.

As excentricidades de Rabelais colaboraram, por meio da literatura, para refletir a diversidade da França, um país que esse escritor ajudou a difundir, a reinventar. Apresentou as particularidades regionais, suas especialidades culinárias, combinadas a uma sociedade barulhenta e conversadora, mostrou o uso de dialetos, das classes populares e das classes mais cultas. Colaborou assim para o surgimento de uma unidade bastante peculiar, mais viável no âmbito do romance do que no de um país real.

A construção do herói é um aspecto notável na obra de Rabelais, à imagem do autor, sempre disposto a defender os valores humanistas, como pode ser comprovado na *Lettre de Gargantua à Pantagruel*. Trata-se do *chapitre VIII. Comment Pantagruel, à Paris, reçut une lettre de son père Gargantua, et la copie de cette lettre*. A carta pode ser lida em *Pantagruel*, portadora de um lirismo que revela o entusiasmo dos humanistas pela cultura e sabedoria antigas: podemos dizer que se tratava de uma porta de um novo mundo que se abria a todos os homens.

Não surpreende encontrarmos textos que o classificam ateu, ou alguém a lançar todo seu escárnio, sua ironia, sobre a fé católica. Febvre (2009), afirma que esse conceito, ateísmo, sequer existia na Idade Média. Percebe-se assim apenas um exemplo acerca da necessidade de um estudo mais demorado sobre a obra de François Rabelais. Para minha surpresa, ao visitar o banco de teses da Capes, percebi inexistirem estudos sobre a obra do referido autor. O que lá encontramos são estudos a partir de Bakhtin e nenhum com a obra do citado autor como objeto



de análise. Vem daí a necessidade, dada a importância de Rabelais, de um estudo ampliado sobre autor e obra. Um detalhado estudo sobre a presença da ironia, da religiosidade, do caráter humanista, do riso como forma de expressão de sentimentos e não exclusivamente de deboche, sátira, desprezo. Estudo que me proponho a fazer através de uma proposta de tradução, em primeiro lugar, de Gargântua.

A definição do corpus da pesquisa aqui apresentada levou em consideração a importância da obra de Rabelais para a literatura universal, como representação do homem, do tempo e do espaço, assim como sua erudição, aspectos estéticos – narração e técnicas compositivas – e a riqueza verbal.

A partir do século XX, alguns trabalhos permitiram maior visibilidade à obra de François Rabelais, para além daquele que contemplava exclusivamente a crítica religiosa. Tais estudos revelaram um autor preocupado também com a ordem social, um intelectual engajado, um crítico severo do sistema, ansioso por justiça e liberdade.

Ao longo da obra, o autor combina sua concepção de mundo medieval com a busca renascentista de conhecimento, costuma satirizar os dogmas e sacerdotes da Igreja, torna evidente sua aversão aos ditames dessa instituição e também à sociedade de desigualdades, enquanto revela sua simpatia pelas ideologias renascentistas.

Em *Gargantua e Pantagruel* percebe-se elementos de lendas medievais, gigantes comilões e beberrões, bem como a erudição de Rabelais, seu amplo conhecimento de Filosofia, seu caráter humanista e seus conhecimentos de anatomia, fruto de seu ofício de médico, resultando em uma obra monumental que, fazendo uso de humor, faz críticas fervorosas aos costumes da época.

As aventuras de *Gargantua e Pantagruel* contemplam vários gêneros: romance cômico, relato sobre educação dos príncipes, paródias de diálogos filosóficos e narrativas de formação. O objetivo de Rabelais parece ser o de provocar riso no leitor; no entanto, não disfarça jamais sua virtuosidade linguística e coloca sua erudição a serviço das atividades digestivas - comer, beber, urinar, defecar- e, num âmbito um pouco menor, a atividade sexual.

Rabelais utiliza uma mistura de oralidade, escatologia, incidentes divertidos que são descritos muitas vezes como carnavalescos. A visão do riso em primeiro plano pode ter sido



um dos fatores a ter contribuído para a demora do reconhecimento da obra de Rabelais para a literatura universal. Na época, o Cristianismo prega que o riso é prerrogativa do diabo. Tal comportamento era tolerado apenas em festas, o Carnaval por exemplo. Nos dizeres de Bakhtin (2013, p. 57):

Com Boccaccio e Jean Second, Rabelais “é bom para divertir”, mas não pertence ao número dos consoladores e conselheiros que ensinam “a bem morrer e bem viver”. No entanto, para seus contemporâneos, Rabelais cumpria muito bem o papel de consolador e conselheiro. Eles sabiam ainda, portanto, encarar jubilosamente, no âmbito do riso, a maneira de regular a vida e a morte.

Minois (2003, p. 272) chega a conclusões diferentes de Bakhtin, e salienta:

Os humanistas utilizaram a cultura popular cômica medieval como alavanca para reverter os valores culturais da sociedade feudal. Pelo riso, eles liberaram a cultura do sendeiro escolástico estático e introduziram uma visão de mundo dinâmica, otimista e materialista. O revelador dessa revolução pelo riso foi Rabelais, o Marx da hilariedade, o fundador da internacional do riso, cujo apelo à união dos ridentes do mundo inteiro prefigure o que o Manifesto lançará aos proletários.

Gargantua, publicado em 1534, conta a história de um jovem gigante malcriado que será reeducado segundo princípios humanistas. Os livros seguintes narram a evolução do personagem.

Rabelais é conhecido por fazer uso de uma linguagem que denota imensa energia verbal, como uma profusão de amor pelas palavras; porém, a linguagem extremamente criativa presente na prosa do autor não foi suficiente para garantir o seu reconhecimento. O autor seria reconhecido após a publicação de *Tiers Livre*, narrativa em que elementos considerados obscenos e escatologia não se fazem representar.

Como disse anteriormente, a obra de Rabelais vai muito além da escatologia e da sátira, sua narrativa mostra a diversidade de um país que seu talento de escritor conseguiu reinventar. Por exemplo: a particularidade de determinadas regiões, suas especialidades culinárias combinadas com os extratos de uma sociedade espalhafatosa afeita ao diálogo (conversadora seria o termo mais adequado), os dialetos de cada região, tudo contribui para o estabelecimento de uma unidade popular, não a de um país real, mas a do romance. Rabelais e outros escritores,



entre eles Pierre de Ronsard, criam uma língua literária diferente daquela do dia a dia: uma língua para a arte, marcada pela linguagem figurada que lembra a Antiguidade. Rabelais introduz inúmeras palavras à língua francesa, oriundas do grego, do latim e também do italiano. Algumas permaneceram no idioma francês. Podemos dizer que o romance rabelaisiano constitui um imenso laboratório linguístico.

Segundo Bakhtin (2013), Rabelais conseguiu transpor para a Literatura a linguagem e a vida da praça pública e do mercado, rompendo, em parte, com a natureza elitista da escritura. Em sua obra, Rabelais utiliza imagens e referências que remetem ao ambiente bíblico e mitológico, e tais menções não são gratuitas, ou seja, não foram escolhidas aleatoriamente, pois apresentam o esboço da religião por ele considerada ideal, religião crítica no que diz respeito às instituições eclesiásticas e às superstições que disseminavam a ideia de milagre.

Auerbach (1981) chama atenção para a pluralidade de estilos da verve rabelaisiana. O estudioso justifica a obra dizendo se tratar de uma espécie de “redemoinho baralhador”, impossível de ser categorizado, pois ali se encontram críticas à religião e à organização social. Elementos do grotesco, do cômico e do absurdo convivendo simultaneamente e no mesmo espaço geográfico com elementos da realidade sociocultural da época; linguagem escatológica acompanhada de citações eruditas combinadas com imagens da literatura popular, sem esquecer das alusões à literatura e à filosofia clássicas. Rabelais extrapola os limites da crítica religiosa ao apresentar uma suposta aversão ao Cristianismo, mas apenas um aspecto justificaria a existência da obra, sua capacidade de permitir ao leitor novas formas de ver e apreender o mundo.

Ao iniciar a tradução da obra de Rabelais, é válido lembrar que alguns pensadores, principalmente os românticos alemães, atestam que a grande literatura deve ser traduzida. Goethe se refere a *Weltliteratur* - "literatura mundial" - e enfatiza a importância da tradução na construção de uma literatura mundial mais rica, conforme Berman: "O surgimento da literatura mundial não significa o fim das literaturas nacionais, ela entra num espaço-tempo onde interagem umas com as outras e procura informar mutuamente suas imagens" (BERMAN, 1984, p. 91).



Busco uma tradução ética, aquela que dá voz ao estrangeiro, que acolhe o outro, isso implica ser receptivo com o diferente, uma relativização dos valores da língua meta. E aqui preciso lembrar a oposição que faz Berman: tradução ética x tradução etnocêntrica, ou, segundo Venuti (1995), a domesticação, aquela que interfere no texto original para priorizar outros valores culturais, geralmente de uma cultura dominante. Ao dizer “o mais fiel possível”, refiro-me a uma tradução ética, evitar a tradução etnocêntrica e seu sistema de deformações, que acabam por retirar a consistência do texto original, apagando sua especificidade, sua polilogia. As grandes obras literárias não seguem os ditames de uma forma exemplar, a língua culta. Muitas vezes a tradução visa tornar claro o que não está claro no texto original, explica, quebra a originalidade do texto em nome da ordem. A isso podemos chamar de má tradução.

Pretendo evitar aquilo que Berman (1999) chama de destruição de sistematismos: o apagamento de marcas próprias ao original, estas marcas formam um importante sistema de significações. Muitas vezes um detalhe, uma frase, uma palavra, uma determinada construção, algo que podemos dizer característico e que é retomado no transcorrer da narrativa.

Continuando com Berman justifico minha opção por acolher os estrangeirismos, evitar domesticações: “*J’appelle mauvaise traduction la traduction que, généralement sous couvert de transmissibilité, opère une négation systématique de l’étrangeté de l’oeuvre étrangère.*” (BERMAN, 1984, p. 17).

Para tanto, o tradutor precisa ter as características de um leitor modelo visto que, ao mesmo tempo, exerce as funções de leitor e autor. A peculiaridade desse leitor no campo da tradução vem da obra de Umberto Eco, *Lector in Fabula*, conceito que desenvolve sobre a união de um leitor modelo e um autor modelo.

Estou ciente que Eco não cita o tradutor como exemplo de leitor modelo, mas a definição que faz é plenamente adequada ao leitor que, deve ser representado pelo tradutor, sobretudo no que diz respeito à execução deste projeto e por esse motivo a adapto ao âmbito da tradução. Segundo Umberto Eco (2014, p. 16): “um leitor-tipo que o texto não somente prevê como colaborador, mas que, também, pretende criar”.

Mais uma vez destaco que o criar não implica aviltar, domesticar, subverter a obra, e enfatizo que este projeto visa à realização de uma tradução ética. Não se tratará ética no âmbito



da tradução como algo absoluto, tampouco faremos apologia à existência de uma ética. Berman (1995) e Venutti (1998) também optaram por “éticas da tradução”.

Conforme Berman (1995, p. 92-93):

L'éthicité, elle, reside, dans le respect ou plutôt, dans un certain respect de l'original. [...]. Mais nous savons que, pour le traducteur, un tel respect est la chose la plus difficile [...]. Mais l'éthicité du traduire est menacée par un danger inverse, et plus répandu: la non-véridicité, la tromperie. Il n'y a cependant non-véridicité que dans la mesure où ces manipulations sont tuées passées sous silence. Ne pas dire ce qu'on va faire – par exemple adapter plutôt que traduire – ou faire autre chose que ce qu'on a dit, voilà ce qui a valu à la Corporation l'adage italien traduttore traditore.¹



Junto à tradução, proponho uma reflexão acerca do trabalho do tradutor, as possibilidades que ele tem de analisar, criticar, uma tradução. Para tanto, as considerações de Meschonnic (1999, p. 82) podem ser muito úteis, à medida em que o crítico francês afirma que:

Traduzir o signo em vez de traduzir o poema é descrever. Fica claro que escrever supõe repensar toda a teoria da linguagem. E que traduzir é a prática que, mais do que qualquer outra, coloca-a em jogo. A conclusão disso é que o que está em jogo no traduzir é transformar toda a teoria da linguagem. Sim, uma verdadeira revolução cultural.

Uma proposta de tradução

¹ O aspecto ético reside no respeito, ou melhor, num certo respeito ao original. [...] Mas sabemos que, para o tradutor, tal respeito é a coisa mais difícil. [...] Mas a eticidade de traduzir é ameaçada por um perigo inverso e bastante comum: a não veracidade, a burla. Entretanto, não há veracidade na medida em que essas manipulações são apagadas, silenciadas. Não dizer o que faremos - por exemplo, adaptar ao invés de traduzir - ou fazer outra coisa e não o que foi dito, valeram a corporação o adágio italiano traduttore traditore. (tradução nossa)



O projeto de traduzir para o português do Brasil a obra de Rabelais, *Gargantua*, como foi dito, visa à tradução mais fiel possível (no sentido ético anteriormente exposto); para tanto seguirá os preceitos teóricos de Antoine Berman.

A tradução será acompanhada de um ensaio teórico especificando os desafios e as soluções encontradas ao longo do processo tradutório. Notas acompanharão a edição, o que contribuirá para que o leitor se situe frente à obra de Rabelais que, conforme mostrado, apresenta um estilo heterogêneo no qual percebe-se nitidamente a experimentação sintática. Essa riqueza toda enseja uma liberdade ao tradutor. Uma “liberdade vigiada” visto que a erudição de Rabelais oferece muitos desafios ao tradutor, por exemplo: Como traduzir sua erudição sem parecer pernóstico, arrogante? Como proceder com o refinamento do texto deste autor, de que modo traduzir e manter tal característica e ao mesmo tempo permitir a compreensão em língua portuguesa? Quem sabe, consultar a tradução de obras mais antigas para o português brasileiro, mesmo de outras línguas, e analisar o comportamento do tradutor? Como construir o espírito da época? Ao leitor deve chegar a certeza de estar lendo um texto que não é brasileiro. A seguir, a tradução de um pequeno trecho de *Gargantua*, onde apresento uma tradução intralingual - a língua francesa nos anos 1500 e sua atualização - e a nossa tradução.



Chapitre I De la genealogie et antiquité de Gargantua	Chapitre I De la genealogie et anciennes origines de Gargantua	Capitulo I- Da genealogia e antigas origens de Gargântua
<p>Je vous remectz à la grande chronicque Pantagrueline recongnostre la genealogie et antiquité dont nous est venu Gargantua. En icelle vous entendrez plus au long comment les geands nasquirent en ce monde, et comment d'iceulx, par lignes directes, yssit Gargantua, pere de Pantagruel, et ne vous faschera si pour le present je m'en deporte, combien que la chose soit telle que, tant plus seroit remembrée, tant plus elle plairoit à vos Seigneuries; comme vous avez l'autorité de Platon, _in Philebo et Gorgias_, et de Flacce, qui dict estre aulcuns propos, telz que ceulx cy sans doubte, qui plus sont delectables quand plus souvent sont redictz.</p>	<p>Je vous renvoie à la grand chronique pantagruéline pour retrouver la genealogie et l'ancien temps dont nous est venu Gargantua. Vous y apprendrez plus longuement comment les géants naquirent en ce monde et commente, en ligne directe, en est descendu Gargantua, père de Pantagruel; vous ne vous fâcherez pas si, pour l'heure, je m'en abstiens; et pourtant la chose est si belle que, plus on la répéterait, plus elle plairait à vos Seigneuries: vous avez la caution de Flacus, qui déclare que certains propos tels que ceux-ci sont d'autant plus délectables qu'on les redit plus souvent.</p>	<p>Eu vos conduzo à grande crônica pantagruélica, para encontrardes a genealogia e antiguidade de onde nos veio Gargântua. Assim vós aprenderéis detalhadamente como os gigante apareceram neste mundo e como descende diretamente deles Gargântua, pai de Pantagruel, e não vos ofendereis se, no momento me abstenho; no entanto a coisa é tão bela que, quanto mais seja repetida, mais agradará a vossas senhorias: tendes a autoridade de Flaccus, este vos diz que alguns assuntos, tais como este daqui, se tornam mais deleitáveis quanto mais vezes forem repetidos.</p>

Antes de concluir, vale lembrar que nem sempre ocorre uma precisa correspondência de valores entre as línguas (refiro-me ao sentido saussuriano do termo, o que quer dizer significados formais), o que nos levaria a crer na impossibilidade de uma tradução “o mais fiel



possível.” Mas não podemos esquecer que ocorrem correspondências de significação entre os sistemas linguísticos e a experiência humana por eles expressa, tal fato permite a passagem de um texto de uma língua para outra. Cada língua é um sistema bastante peculiar, possui um código próprio, com seus significados próprios, por outro lado, toda língua é também um sistema de comunicação e utiliza esse código para narrar acontecimentos tanto pertencentes à realidade quanto à ficção.

Diante disso, e sabedor da existência de duas traduções da obra de Rabelais apresento aqui o objetivo mais íntimo deste trabalho e mais uma vez o faço utilizando as palavras de Berman (2008, p. 143): “*Si le destin d’un oeuvre est sa traduction, celui d’une traduction est d’être “supplantee” par une autre traduction.*”

Ao dizer retradução, estou ciente que a palavra traz consigo a repetição, muita repetição, já que a retradução não é nada mais do que a repetição de uma repetição, se considerarmos a tradução como uma repetição de alguma coisa. Estou ciente que ao realizar mais uma tradução de Gargantua me alinho ao que Borges chamou de “dinastia inimiga” ao se referir aos tradutores de As mil e uma noites, onde um tradutor traduz contra o outro. A seguir um breve exemplo de variedade entre as traduções.

Em primeiro lugar o texto original, a seguir a tradução de David Jardim Junior, a do espanhol Camilo Flores Varela e por último a nossa.

1 Et portoit ordinairement un gros escriptoire pesant plus de sept mille quintaulx, du quel le qualimart estoit aussi gros e grand....

E carregava ordinariamente uma grande escrivaninha, pesando mais de sete mil quintais, cuja parte onde se colocam as pernas....

Y llevaba ordinariamente un enorme escritorio de más de siete mil quintales de peso, cuyo portaplumas era tan grand y grueso.

Ele costumava carregar uma grande escrivaninha, pesando mais de setecentos mil quilos, cujo porta penas era tão comprido e grosso como as colunas de Enay, e o tinteiro pendurado por grossas correntes de ferro tinha a capacidade de uma tonelada.



Discordo de David Junior, porque não é o mais indicado traduzir literalmente *quintaulx* por quintais. A palavra significa uma unidade de peso.

*

2 Pour son plumart portoit une belle grande plume bleue, prinse d'un onocrotal du pays de Hircaine la saulvaige, bien mignonement pendente suz l'aureille droicte.

O penacho era uma bela pena azul, tirada de um onocrotal da Hircânia, retirada cuidadosamente de perto de sua orelha direita.

Por penacho llevaba una muy hermosa y grande pluma azul, arrancada a un onocrótalo del país de Hircania la salvaje, la cual colgaba lindamente sobre su oreja derercha.

Como penacho ele levava uma bela e imensa pena azul, retirada de um pelicano da selvagem Hircânia, a qual pendia lindamente sobre a orelha direita.

Discordo da tradução de David Junior devido à posição da pena.

*

3. Et comme dict Avicenne (in 2 canone et lib. De viribus cordis) du zaphran, lequel tant esjouist le cueur qu'il despouille de vie...

E, como diz Avicena, in 2 canone, et libro De Viribus Cordis, do diafragma, o qual tanto se alegra o coração que o despoja de vida se toma uma dose excessiva, por resolução e dilatação supérflua.

Y como dice Avicena (en el libro II de Canone y en el libro De Viribus cordis) de azafrán, el cual recocija de tal modo el corazón...

Como diz Aviccene (in 2 canone et lib. De viribus cordis) sobre o açafão, o qual faz tão bem ao coração que o despoja de vida em caso de dose excessiva, por resolução e dilatação excessiva.

Aqui aponto a distração de David Junior ao traduzir *zaphran* por *diafragma*, o mais indicado seria açafão.

*



RODRIGUES, Luíz Horácio Pinto. Pensar a tradução: proposta para uma retradução de gargantua.

4.O lachrima Christ! C'est de La Devinieres, c'est vin pineau.

Ó lachryma Christi! Ó vinho divino! Ó gentil vinho branco!

O lachryna Christi! Es de la Devinière, es pinot blanco!

Ó lachrima Cristi! Isso vem de La Deviniere, Ó gentil amável vinho branco.

Aqui David Junior traduziu La Deviniere como *vinho divino*, enquanto La Deviniere era uma vinícola pertencente a familiares de Rabelais.

Referências

AUERBACH, Erich. **Mímesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Edusp; Perspectiva. São Paulo, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2013.

BERMAN, Antoine. **L'Épreuve de l'étranger**: culture et traduction dans l'Allemagne romantique. Paris: Gallimard, 1984.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions**: John Donne. Paris: Gallimard, 1995.

BERMAN, Antoine. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Paris: Seuil, 1999.

BERMAN, Antoine. **L'Âge de la traduction**: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin un commentaire. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 2008.

ECO, Umberto. **Dire presque la même chose**: expériences de traduction. Tradução. Grasset: Myriem Bouzaher, 2007.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI. A religião de Rabelais**. Tradução Maria Lúcia Machado. Tradução dos trechos em latim José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Lagrasse: Verdier, 1999.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.



RODRIGUES, Luíz Horácio Pinto. Pensar a tradução: proposta para uma retradução de gargantua.

RABELAIS, François. **Gargantua**. Paris: Gallimard, 1992.

RABELAIS, François. **Gargantúa**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

RABELAIS, François. **Gargântua**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Bauru: EDUSC, 1998.

Luíz Horácio Pinto Rodrigues – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC | Florianópolis | Santa Catarina. Contato: luizhoracio57@gmail.com

Artigo recebido em março de 2016 e
aprovado em julho de 2016